



**João Paulo Nascente
voltou a morar em Brasília
para cuidar da mãe,
Olga: aprendizado diário**

Arquivo Pessoal

Olga Nascente, 73. Nas ligações e encontros, começou a reparar algumas mudanças no comportamento da mãe. “Ela sempre foi uma mulher forte. Engravidou em produção independente, mesmo quando isso não era bem-visto, e sempre cuidou de si. Por ser orgulhosa e não ter o costume de pedir ajuda, eu estranhei o jeito dela”, lembra.

Percebendo algo errado, achou que, com o avançar da idade, a mãe se sentia mais sozinha e estava fazendo chantagem emocional para mantê-lo por perto. Em um momento, ela era a mulher

mais comunicativa e persuasiva do mundo, em outro, parecia ter outra personalidade e até se “fazer de boba”, nas primeiras impressões do filho.

Mas o administrador ficou desconfiado da situação e resolveu passar um período em Brasília para entender melhor. “Sofri muito ao receber o diagnóstico. Era leigo e nunca tinha vivido isso de perto, entrei muito cru nisso tudo. Eu me mudei de volta e começamos o processo de adaptação”, lembra.

Inicialmente, ainda muito consciente, Olga teve dificuldade em aceitar que precisava do auxílio

do filho. Continuou morando sozinha e com profissionais de saúde fazendo o acompanhamento diário, além das visitas constantes de João Paulo. Ao perceber que a mãe já não conseguia ter o controle dos horários das consultas nem do pagamento dos profissionais da saúde que a acompanhavam, decidiu levá-la para morar com ele.

“Depois do choque e da aceitação, começamos uma terceira fase, bem complicada. Ela me acusava de querer controlá-la, falava mal de mim para os outros. O cuidador, muitas vezes, vira alvo, e o suporte psicológico me ajudou bastante a lidar com isso”, diz.

Os casos em que pacientes brigam e se revoltam com os cuidadores da família são comuns. Depois de participar de diversos grupos de apoio e aprender a lidar melhor com a mãe, João Paulo é categórico ao ressaltar a importância desse tipo de suporte. “Ver relatos tão semelhantes ao que estamos vivendo é reconfortante. Você entende que existem fases e que pode melhorar.”

Nos grupos de apoio e com o suporte psicológico e social, João Paulo aprendeu que existem diversas formas de lidar com momentos de crise e conflito. Uma das primeiras coisas que ele incorporou em seu pensamento foi entender que quem entrava em conflito com ele não era a mãe que ele conhecia, mas, sim, a doença. E isso diminuiu seu sofrimento com os momentos mais difíceis.

Muito racional, João Paulo admite que uma das coisas mais complicadas para ele foi aprender a esquecer a razão e entrar na realidade da mãe. “Mesmo que ela fale algo absurdo, eu concordo e pronto. Fica mais leve.” O administrador aprendeu a não insistir quando a mãe se recusa a fazer algo e aprendeu a camuflar as necessidades de exercício ou terapias em outras atividades. Ela se recusa a fazer exercícios, então o filho a convida para ir ao clube e, por lá, a leva em diversas caminhadas.

Ele entrou em contato com as amigas de Olga e promove encontros para estimular a vida social e o exercício do diálogo e da interação. Para a musicoterapia, ele diz a Olga que chamou um amigo para visitá-los, e o amigo toca sanfona, o instrumento preferido dela. “São diversas maneiras que vamos encontrando para que ela faça o que precisa sem precisarmos bater de frente, o que não faz bem nem para mim e nem para ela.”

O diagnóstico veio há dois anos e meio e, há um ano, Olga mora com João Paulo e sua esposa. Ela ainda tem uma certa independência e vive no próprio espaço em um duplex, com auxílio e suporte, a um lance de escadas de distância.